

# LOUIS MENAND

Livro finalista do **NATIONAL BOOK AWARD** · Autor vencedor do **PRÊMIO PULITZER**

# O Mundo Livre

**Arte e Pensamento  
na Guerra Fria**

«O alcance e a abrangência deste livro são deslumbrantes.  
[Menand] empreendeu o que poucos escritores de história intelectual  
se atreveriam a fazer.»

**THE TIMES LITERARY SUPPLEMENT**

**ELSINORE**

# ÍNDICE

**11**

Prefácio

–

**17**

Introdução: O que Significou a Guerra Fria

–

**23** 1. Um Céu Vazio

**59** 2. O Objetivo do Poder

**85** 3. A Liberdade e o nada

**133** 4. Fora da Lei

**173** 5. Os Quebra-Gelos

**219** 6. As Mentes mais Brilhantes

**271** 7. A Ciência Humana

**307** 8. A Emancipação da Dissonância

**391** 9. Canções do Norte

**447** 10. Conceitos de Liberdade

**509** 11. Filhos de Uma Tempestade

- 563** 12. Soberania do Consumidor
- 605** 13. O Livre Exercício da Mente
- 685** 14. «Comunismo»
- 725** 15. *Vers la Libération*
- 803** 16. A Liberdade É o Fogo
- 859** 17. Hollywood-Paris-Hollywood
- 913** 18. É o Fim

–

## **969**

Notas

–

## **1107**

Agradecimentos

–

À memória do meu pai

Louis Menand III  
(1923-2008)

libertário civil, ambientalista e antianticomunista



*Somos livres na medida em que sabemos aquilo que somos.*

TOM HAYDEN

*Como poderá funcionar a minha busca  
pela felicidade se a tua está no caminho?  
De que estou disposto a abdicar para que sejas livre?*

WYNTON MARSALIS

*Muitos homens pensam que estão a criar algo,  
embora apenas estejam a mudar as coisas de lugar.*

ZORA NEALE HURSTON



## PREFÁCIO

Este livro debruça-se sobre um tempo em que os Estados Unidos estavam ativamente envolvidos com o resto do mundo. Nas duas décadas que se seguiram ao final da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos investiram na recuperação económica do Japão e da Europa Ocidental e concederam empréstimos a outros países de todo o mundo. Com o Reino Unido, criaram o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional para apoiar a estabilidade política global e o comércio internacional. Acolheram as Nações Unidas. Através do seu governo, das suas fundações filantrópicas, das suas universidades e das suas instituições culturais, fundaram programas de intercâmbio para escritores e académicos, distribuíram obras literárias pelo planeta inteiro e enviaram para o estrangeiro coleções de arte americana e música de compositores e intérpretes americanos. A sua cultura de entretenimento era desfrutada em praticamente toda a parte. Além disso, os Estados Unidos receberam e adaptaram a arte, as ideias e o entretenimento de outras nações. Foram publicadas em traduções acessíveis a quaisquer bolsos obras literárias e filosóficas de todas as latitudes. E foram importados e distribuídos pelo país filmes estrangeiros.

O número de americanos no ensino superior aumentou exponencialmente. As vendas de livros, as vendas de discos e as visitas a museus dispararam. Reescreveram-se leis para permitir que, na prática, as obras artísticas e literárias usassem qualquer linguagem e abordassem qualquer tema, bem como para proteger quase todos os tipos de discurso. A indústria americana duplicou a sua



produção. O leque de escolhas dos consumidores beneficiou de uma ampla expansão. A disparidade de rendimentos e de riqueza entre os mais abastados e a classe média tornou-se a mais pequena da história. As diferenças ideológicas entre os dois principais partidos eram diminutas, sendo possível ao governo federal investir em programas sociais. Foi estabelecida uma base jurídica para a igualdade social e política dos americanos de ascendência africana e foram criadas oportunidades para as mulheres. Ao mesmo tempo, por todo o mundo, os impérios coloniais colapsaram, sendo substituídos por Estados independentes.

A alteração das condições trouxe uma igual transformação para as artes e para as ideias. A expansão do ensino universitário, da publicação de livros, do sector da música e do universo artístico, a par das novas tecnologias de reprodução e distribuição, aceleraram o ritmo da inovação. Muito significativa era a natureza do público: as pessoas interessavam-se. As ideias contavam. A pintura contava. O cinema contava. A poesia contava. A forma como as pessoas julgavam e interpretavam as pinturas, os filmes, os poemas contava. As pessoas acreditavam na liberdade e na autenticidade e sentiam que estas noções tinham verdadeiro significado. Acreditavam na democracia e (com algumas inconsistências) na humanidade comum de todos no planeta. Tinham sobrevivido a uma depressão económica global que durara quase dez anos e a uma guerra mundial que durara quase seis. Nesse sentido, ansiavam por um novo começo.

No mesmo período, os cidadãos americanos foram perseguidos e, por vezes, julgados criminalmente pelas suas posições políticas. As agências governamentais espiaram-nos e, de forma dissimulada, manipularam organizações culturais e políticas não-governamentais. O regime de imigração permaneceu extremamente restritivo. Fazendo uso da sua vantagem financeira, os Estados Unidos impuseram aos mercados estrangeiros os produtos americanos. Também estabeleceram bases militares um pouco por todo o planeta e intervieram na política interna de outros Estados, falseando eleições, avalizando golpes, possibilitando assassínios

e apoiando o extermínio de rebeldes. No plano nacional, foi permitido que uma retórica da guerra fria, muita dela oportunista e alarmista, se introduzisse na vida pública. Neste contexto, o país investiu num enorme e dispendioso fortalecimento militar, desproporcionado face a qualquer ameaça.

Um quinto da população vivia na pobreza. O reforço do direito de voto dos cidadãos negros e a abertura de oportunidades económicas às mulheres pouco fizeram para diminuir o domínio branco em praticamente todas as esferas da vida. Ainda assim, disseminou-se um espírito de «excepcionalismo americano», tal como uma crença quase oficial no «estilo de vida americano», baseado numa imagem normativa que, utilizando um eufemismo, não era inclusiva.

No seu processo expansivo, as indústrias culturais foram absorvendo e mercantilizando os fazedores de cultura independentes e pouco convencionais, enquanto a universidade foi engolindo os universos da escrita criativa e da opinião política dissidente. No final deste período, o país mergulhou numa guerra internacional de independência nacional da qual não se conseguiu libertar durante oito anos. Quando finalmente o fez, na década de 1970, o crescimento estabilizou, a economia entrou num penoso período de ajustamento, as diferenças ideológicas acentuaram-se e a disparidade de rendimentos começou rapidamente a aumentar. Os Estados Unidos tornaram-se mais desconfiados face aos compromissos internacionais e os outros países tornaram-se mais desconfiados face aos Estados Unidos.

Não obstante, algo acontecera. Uma enorme mudança na relação da América com o resto do mundo tivera lugar. Em 1945, havia um ceticismo generalizado, mesmo entre os americanos, sobre o valor e a sofisticação das artes e das ideias americanas, a par de um respeito generalizado pelas motivações e pelas intenções do governo dos Estados Unidos. A partir de 1965, tais visões sofreram uma inversão. O país perdeu credibilidade política, mas movera-se da periferia para o centro de uma vida artística e intelectual cada vez mais internacional.

As culturas são transformadas não de forma deliberada ou programática, mas pelos efeitos imprevistos da mudança social, política e tecnológica, bem como por ações aleatórias de polinização cruzada. *Ars longa* é um aforismo antigo, ainda que, na verdade, fazer arte tenha um caráter efêmero, na medida em que é uma reação a alterações no ambiente vizinho e a consequência de interações de rua bem-sucedidas embora fortuitas. Entre 1945 e 1965, a incidência do fortuito bem-sucedido aumentou e o ambiente mudou drasticamente, acontecendo o mesmo à arte e ao pensamento.

A transformação da cultura americana a partir de 1945 não foi alcançada inteiramente por americanos. Na verdade, surgiu através do contacto com pensadores e artistas de todo o mundo: das Ilhas Britânicas, de França, da Alemanha e de Itália; do México, do Canadá e das Caraíbas; de Estados descolonizados em África e na Ásia; da Índia e do Japão. Algumas destas pessoas eram imigrantes ou exilados (num dos casos, um fugitivo), enquanto outras nunca chegaram a visitar o país. Muitos dos artistas e dos escritores americanos eram eles próprios filhos de imigrantes. Mesmo numa era de políticas de imigração restritivas e de tensões geopolíticas, a arte e as ideias não deixaram de circular. A cultura artística e intelectual que surgiu nos Estados Unidos depois da Segunda Guerra Mundial não era um produto americano. Era o produto do Mundo Livre.

Este livro não é sobre a «Guerra Fria cultural» (a utilização da diplomacia cultural como instrumento de política externa), como não é sobre a «cultura da Guerra Fria» (a arte e as ideias como reflexos da ideologia e das condições da Guerra Fria). É sobre um período excepcionalmente rápido e entusiasmante de mudança cultural em que a existência da Guerra Fria foi uma constante, mas apenas um de muitos contextos.<sup>1\*</sup>

---

\* Salvo identificação contrária, todas as notas são do autor, dividindo-se estas em notas ao texto (em rodapé) e notas bibliográficas, no final do livro. A tradução livre de títulos (entre parêntesis rectos) ou de excertos de obras citadas ao longo do texto são da responsabilidade dos tradutores [N. E].

Houve duas razões que me levaram a escrevê-lo. A primeira foi o desafio historiográfico: como contar uma história de mudança desta magnitude. Tentei ter em conta três dimensões: as forças sociais subjacentes — económicas, geopolíticas, demográficas, tecnológicas — que criaram as condições para a possibilidade de certos tipos de arte e ideias; o que estava a acontecer «na rua», ou seja, como X se encontrou com Y, acabando por levar a Z; e o que se passava na cabeça das pessoas, nomeadamente no modo como elas entendiam o significado de pintar um quadro ou abordar uma injustiça ou interpretar um poema nesses anos.

Para o efeito, defini uma série de cortes transversais verticais, em vez de fazer um levantamento exaustivo. E centrei-me nas «atrações principais», nos artistas e nos pensadores que se tornaram amplamente conhecidos. Não considero que as suas histórias sejam as únicas interessantes, mas um dos aspetos que tentei compreender foi o porquê de certas figuras se tornarem emblemáticas. Apesar de tal ter implicado deixar muito de fora, existe uma linha de ligação horizontal. O livro que acabei por escrever é um pouco como um romance com uma centena de personagens. No entanto, há efetivamente um fio condutor.

A outra razão é do foro pessoal. Como já terão deduzido, foi este o período em que cresci. Com efeito, nasci em 1952. Os meus pais eram intelectuais interessados sobretudo na política, cujos gostos não eram de vanguarda, embora tivessem conhecimento do que se passava na literatura e nas artes, pelo que ouvi todos estes nomes, ou quase todos, quando era criança. Todavia, desenvolvi apenas uma vaga ideia de quem estas pessoas realmente eram, do que verdadeiramente faziam ou do motivo pelo qual eram importantes a ponto de pessoas como os meus pais terem conhecimento da sua existência. Escrever este livro foi uma forma de preencher as lacunas da minha própria narrativa. Foi (como, em última análise, toda a escrita histórica é) uma forma de compreender a minha própria subjetividade.

Se, durante a juventude, me tivessem perguntado qual era o bem mais importante da vida, teria respondido que era a «liberdade».

## O MUNDO LIVRE

Agora, percebo que a liberdade representava o lema da época. A palavra era usada para justificar tudo. Com a idade, comecei a questionar-me sobre o que é ao certo a liberdade, ou sobre o que ela poderá significar em termos concretos. Escrevi este livro para que me fosse possível, e talvez também aos leitores, descobri-lo.

# INTRODUÇÃO

## O QUE SIGNIFICOU A GUERRA FRIA



Alyosha Kovalyov e Abdulkhakim Ismailov, soldados do Exército Vermelho, erguem a bandeira soviética no telhado do edifício do *Reichstag*, em Berlim, no dia 2 de maio de 1945. No dia 30 de abril, já uma bandeira ali fora hasteada. A fotografia, tirada por Yevgeny Khaldei, é de uma reconstituição. Esta é a versão alterada; por ser sinal de pilhagem, um dos dois relógios nos pulsos de Ismailov foi apagado. Khaldei inspirou-se na fotografia de Joe Rosenthal (também ela de uma reconstituição) que exibia fuzileiros navais a erguer a bandeira dos Estados Unidos no monte Suribachi, na ilha de Iwo Jima, em 23 de fevereiro de 1945. A imagem de Khaldei tornou-se icônica porque sustentava o argumento de que tinham sido os comunistas a derrotar o fascismo. (*Tass / Getty Images*)

A aliança em tempo de guerra entre os Estados Unidos e a União Soviética foi uma combinação gerada pela necessidade. A guerra contra a Alemanha nazi tinha de ter duas frentes. O Reino Unido e os Estados Unidos necessitavam que o Exército Vermelho

combatesse as *Wehrmacht* a Leste, e o Exército Vermelho fez o que lhe competia. Entre 22 de junho de 1941, o dia em que a Alemanha invadiu a Rússia, e 6 de junho de 1944, o Dia D, 93 por cento das baixas militares alemãs — 4,2 milhões de desaparecidos, feridos ou mortos — foram infligidas pelas forças soviéticas.<sup>1</sup> Por seu turno, Estaline necessitava que as forças britânicas e americanas atacassem a Alemanha a partir de oeste, tendo-se queixado de alguma lentidão nesse sentido. A coligação dos Aliados acabou por se manter unida por um objetivo comum: a derrota total da Alemanha nazi.

Enquanto os combates decorriam, poucas pessoas acharam prudente especular em público sobre a futura animosidade entre os Estados Unidos e a União Soviética. Muitos representantes da Administração Roosevelt, apesar de serem realistas em relação às questões que dividiam os dois países e de ficarem frequentemente exasperados com o comportamento soviético, agiam com a esperança de que os dois países pudessem vir a ser parceiros cooperantes nos assuntos mundiais depois do final da guerra. Tais representantes incluíam o próprio Roosevelt, os seus dois secretários de Estado, Cordell Hull e Edward Stettinius, e sobretudo, uma vez que Roosevelt prestava relativamente pouca atenção ao Departamento de Estado, o seu secretário da Guerra, Henry Stimson, e o seu conselheiro de longa data, Harry Hopkins.<sup>2</sup>

Roosevelt morreu em 12 de abril de 1945. No dia 8 de maio, a Alemanha rendeu-se, pondo fim à guerra na Europa. Menos de três meses depois, os Estados Unidos lançaram bombas atômicas sobre Hiroxima e Nagasaki, tendo a rendição do Japão ocorrido a 15 de agosto. A derrota das potências do Eixo significou que os Aliados tinham de chegar a acordo quanto ao futuro do Japão, de Itália e da Alemanha, mas também pôs em jogo o destino de uma vasta quantidade de território. E muito desse território — Polónia, Checoslováquia, Hungria e Roménia a oeste; Turquia e Irão a sul; Manchúria, Coreia e Ilhas Curilas a Leste — situava-se junto às fronteiras da União Soviética. Com os seus inimigos derrotados e os seus exércitos fora do campo de batalha, os Estados Unidos e a União Soviética

já podiam discordar abertamente sobre a elaboração do mapa do pós-guerra. E foi isso que fizeram.

Não surpreendeu que assim fosse. Os americanos e os soviéticos tinham interesses diferentes em matéria de segurança nacional; entendimentos distintos das relações internacionais; e princípios políticos, económicos e diplomáticos muito dissemelhantes. Durante dezoito meses, cada um dos governos testou a determinação e a boa vontade do outro, ficando previsivelmente desapontado. Então, no dia 12 de março de 1947, num discurso proferido numa sessão conjunta do Congresso, Harry S. Truman retirou à situação a sua carga ambígua.

«No presente momento da historia mundial», disse Truman, «praticamente todas as nações têm de escolher entre modos de vida alternativos.»

O primeiro modo de vida é baseado na vontade da maioria, sendo caracterizado por instituições livres, governos representativos, eleições livres, garantias de liberdade individual, liberdade de expressão e de religião e liberdade face à opressão política. O segundo modo de vida é baseado na vontade de uma minoria que se impõe à força sobre a maioria. Assenta no terror e na opressão, no controlo da imprensa e da rádio, na manipulação das eleições e na supressão das liberdades individuais.

«Creio que a política dos Estados Unidos», acrescentou ele, «deve passar por apoiar os povos que resistem à subjugação de minorias armadas ou às pressões externas.»<sup>3</sup> Truman não mencionou a União Soviética no seu discurso, mas todos aqueles que o ouviram perceberam que as «minorias armadas» eram os rebeldes comunistas e que as «pressões externas» eram as exercidas pelo Kremlin. Esta política ficou conhecida, quase de imediato, como a «Doutrina Truman.» Na prática, o discurso foi a declaração da Guerra Fria, que viria a durar quarenta e quatro anos.



Durante esses anos, ambas as nações trocaram acusações de cinismo e hipocrisia. Ambas argumentaram que a outra procurava desenvolver os seus próprios poder e influência em nome de uma suposta missão civilizadora de contornos grandiosos. Mas ambas também acreditavam honestamente que a história estava do seu lado e que a outra se encaminhava para um beco sem saída.<sup>4</sup> Tal significava que o resultado desta rivalidade não poderia ser propriamente decidido só pela superioridade militar, visto o assunto não ser, em última análise, sobre força bruta. No fundo, era sobre ideias, e ideias no seu sentido mais abrangente: doutrinas económicas e políticas, valores cívicos e pessoais, modos de expressão, filosofias da história, teorias da natureza humana, o significado da verdade. Truman considerou o seu discurso «o ponto de viragem na política externa americana» e muitos na sua Administração pensaram o mesmo.<sup>5</sup> A imagem que transmitia de um mundo dividido entre sistemas irreconciliáveis teve um efeito poderoso sobre a política. Entre outros aspetos, eliminou qualquer possibilidade de um regresso ao isolacionismo pré-guerra, tendo também assegurado um enorme desenvolvimento da capacidade militar dos Estados Unidos. Em 1947, o orçamento nacional da Defesa foi de 12,8 mil milhões de dólares, ou 5,4 por cento do PIB; em 1952, o último ano de Truman na presidência, situou-se nos 46,1 mil milhões de dólares, ou 12,9 por cento do PIB. Em 1953, apesar de a Guerra da Coreia ter terminado, 53 mil milhões dos 76 mil milhões de dólares do orçamento nacional foram gastos na Defesa, tendo esta despesa permanecido nos 10 por cento do PIB até ao final da década.<sup>6</sup> Além disso, a dicotomia apresentada por Truman — se não estiverem connosco, estão contra nós — fez o país envolver-se em conflitos um pouco por todo o mundo, nos quais as disputas que pareciam ser indígenas e paroquiais podiam ser reenquadradas como batalhas na luta entre a democracia liberal e o totalitarismo.

O totalitarismo, e não especificamente o comunismo, foi a ameaça identificada por Truman no seu discurso, pensando ele que todos os sistemas totalitários eram, na sua essência, Estados policiais idênticos uns aos outros.<sup>7</sup> Nos Estados Unidos, durante a Guerra

Fria, o anticomunismo representou apenas uma variedade de políticas que se aproximavam de algo mais universal: o antitotalitarismo. Para alguns cidadãos americanos que se preocupavam com estas questões, o futuro em direção ao qual as coisas se poderiam encaminhar era «comunista»; para outros, era «fascista.» Todavia, os futuros imaginados — quer fossem evocados por alusões aos camisas castanhas ou aos bolcheviques, às câmaras de gás ou aos gulagues, à Gestapo ou ao KGB — eram fundamentalmente os mesmos. Os americanos anticomunistas eram antitotalitários, assim como os americanos antianticomunistas. A angústia gerada pela possibilidade de as democracias liberais estarem a resvalar para o totalitarismo era partilhada por pessoas que, de outra maneira, pouco teriam em comum. Era igualmente uma angústia de esquerda, de direita, da corrente dominante e da contracultura.

O que é, porém, o totalitarismo? Como é que ele surge? Por que motivo atrai os indivíduos? E, acima de tudo, poderia acontecer aqui? As pessoas discordavam na resposta às primeiras três perguntas, o que tornava a última mais urgente. Tudo poderia ser potencialmente um passo na direção errada. A dicotomia de Truman, por conseguinte, produzia o mesmo efeito tanto na arte e no pensamento como na política governamental: transformava as disputas internas em disputas globais; convertia as questões sobre valor e gosto, forma e expressão, teoria e método em questões que assentavam na escolha entre «modos de vida alternativos»; e sugeria que tudo aquilo que não conduzisse à democracia liberal poderia conduzir ao seu contrário. Seria o consumismo o caminho para a servidão? Estaria o ensino superior a gerar tecnocratas sem alma? Poderia a cultura comercial ser um modo de doutrinação? Como poderiam as desigualdades raciais e de género ser compatíveis com os princípios democráticos? O que seria mais importante, a liberdade ou a igualdade? A liberdade de expressão ou a segurança nacional? A forma artística ou o conteúdo político? Seria a dissidência um sinal de força ou de subversão? Poder-se-ia considerá-la um movimento de libertação nacional ou não passaria de uma agressão comunista?

Durante as duas primeiras décadas da Guerra Fria, muitas pessoas acreditaram que a arte e as ideias constituíam um importante campo de batalha na luta para alcançar e manter uma sociedade livre. As escolhas artísticas e filosóficas acarretavam implicações quanto à forma como se vivia e quanto ao regime em que se desejava viver. A Guerra Fria tornou a atmosfera pesada. Aumentou os interesses em jogo.

# 1

## UM CÉU VAZIO



Fotografia de passaporte de George Kennan, maio de 1924, quando era estudante em Princeton. (Cortesia de Joan Kennan)

### 1.

Quando George Kennan compôs os documentos que viriam a ser recebidos como a base racional para a política externa americana no âmbito da Guerra Fria — o «Longo Telegrama», escrito em Moscovo em fevereiro de 1946, e «As Fontes da Conduta Soviética», o apelidado Artigo X, publicado na revista *Foreign Affairs* em julho de 1947 —, não se imaginou a estabelecer uma nova atitude para um novo tempo. Na verdade, pretendeu descrever aquela que, na sua opinião, deveria ter sido desde sempre a atitude americana para com a União Soviética, declarando algo que tentara transmitir durante muitos anos, embora sempre com a sensação de que poucas pessoas o queriam ouvir. Os referidos documentos foram fruto da exasperação e não da inspiração.

Kennan nunca compreendeu o porquê de as pessoas falarem sobre a Guerra Fria como algo que começara no final da Segunda Guerra Mundial.<sup>1</sup> Considerava Estaline um ditador particularmente brutal e matreiro, mas pensava que a paranoia e a insegurança soviéticas não eram resultado da Revolução Russa e, no fundo, nada tinham que ver com o comunismo. Ao invés, residiam na peculiar relação da Rússia com o Ocidente, cujas raízes remontavam ao século XVIII. Que o poder da Rússia se tornaria, mais cedo ou mais tarde, um problema para o resto da Europa e para os Estados Unidos sempre estivera, como ele afirmou, «escrito no destino».<sup>2</sup> Por isso, dedicou grande zelo e eloquência à tarefa de persuadir o governo americano a esvaziar de ideologia as suas diferenças com a União Soviética. A verdade é que não obteve muito êxito, embora esta constatação não o surpreendesse, pois sempre duvidara da capacidade dos políticos democraticamente eleitos no que dizia respeito à gestão de uma política externa sensata.

Kennan é visto por vezes como um membro do que seria apelidado de «sistema estabelecido», ou (numa expressão que, de igual modo, misturava respeito com algum sarcasmo) de «Homens Sábios». Estes homens eram os internacionalistas pragmáticos e, em grande medida, apartidários que desempenharam um papel fundamental na gestão da política externa dos Estados Unidos nos dois primeiros terços do século XX. Na prática, formavam um grupo semelhante a um clã. Muitos dos seus elementos eram formados em Yale, com carreiras de sucesso como banqueiros e advogados de Wall Street. Em traços gerais, acreditavam em algo que uma geração posterior consideraria um oxímoro: o uso altruísta do poder americano. Queriam que os Estados Unidos promovessem os seus interesses no estrangeiro, mas também acreditavam que isso seria para o bem do mundo. Não conspiravam para abrir os mercados estrangeiros às empresas americanas e ao «estilo de vida americano» porque não havia nada de conspirativo neles. Eram apenas o que pareciam ser: representantes de uma conceção americana de prosperidade e de um sentido americano de responsabilidade global.

Esta linha de pensamento remonta à época em que os Estados Unidos se tornaram uma potência, durante as presidências de William McKinley e de Theodore Roosevelt.\* Uma figura fundadora foi Elihu Root, secretário da Guerra de McKinley e Roosevelt e secretário de Estado de Roosevelt, criador do Conselho de Relações Externas e vencedor, em 1912, do Prémio Nobel da Paz. O protegido de Root, Henry Stimson (Andover, Yale, e sócio da empresa Root and Clark em Wall Street, fundada pelo filho de Elihu Root), foi secretário da Guerra de William Howard Taft, secretário de Estado de Herbert Hoover e novamente secretário da Guerra de Franklin D. Roosevelt. O protegido de Stimson, Robert Lovett (Hill School, Yale, Brown Brothers Harriman), foi secretário da Defesa de Truman; um outro seu protegido, John J. McCloy (Peddie, Amherst, Cravath and Cadwalader, Wickersham and Taft), foi secretário-adjunto da Guerra de Roosevelt e Truman, presidente do Banco Mundial e alto-comissário para a Alemanha. Entre outros do mesmo molde encontravam-se dois homens com quem Kennan trabalhou de perto: Averall Harriman (Groton, Yale, Brown Brothers Harriman), que foi nomeado embaixador na União Soviética por Roosevelt, e Dean Acheson (Groton, Yale, Covington & Burling), que se tornou secretário de Estado de Truman.<sup>3</sup>

Kennan tinha afinidades com estes homens e sentia-se confortável junto deles, sendo detentor de um temperamento patricio. Contudo, não era advogado nem banqueiro, e não foi chamado para exercer funções públicas através de ligações formadas na escola. Era um diplomata profissional, um funcionário público de longa data com experiência prática na área dos negócios estrangeiros. Era também diferente dos outros num aspeto mais significativo: não acreditava nas virtudes da americanização.

Com efeito, uma das características peculiares de Kennan, um homem a quem não faltavam peculiaridades, era o facto de revelar pouco amor pelo país cuja sorte dedicou a vida a proteger. Desde muito cedo na sua carreira, percebeu que a sua lealdade aos Estados Unidos «seria uma lealdade *apesar de*, não *por causa de*, uma lealdade

---

\* Deixando de parte a conquista das terras nativas.

de princípio, não de identificação.»<sup>4</sup> Aquilo que Kennan admirava nos Estados Unidos era o valor que o país dava à liberdade de pensamento — o bem supremo para os intelectuais da Guerra Fria. Em relação à vida americana em geral, porém, tinha a atitude típica do europeu de meados do século: pensava que os americanos eram superficiais, materialistas e autocentrados. Além disso, mostrava-se firmemente antimaioritário, não apenas nos negócios estrangeiros, área em relação à qual considerava a opinião pública uma ameaça, mas também na tomada de decisões governamentais em geral.

No esboço de um livro iniciado em 1938, quando tinha trinta e quatro anos, Kennan defendeu a restrição do voto aos cidadãos brancos do sexo masculino e outras medidas concebidas para que o governo fosse formado por uma elite.<sup>5</sup> Mesmo depois da guerra, e nos seus livros mais lidos — *American Diplomacy* [Diplomacia americana], publicado em 1951, e o primeiro volume das suas *Memórias*, lançado em 1967 e vencedor de um Prémio Pulitzer —, foi franco sobre a sua estranheza face à vida americana e ao seu problema com a democracia. Na realidade, acreditava que a forma de governo pouco tinha que ver com a qualidade de vida de uma nação, admirando as autocracias conservadoras, como a Áustria antes da guerra e Portugal sob o regime de Salazar.<sup>6</sup> «A democracia, como os americanos a entendem, não é necessariamente o futuro de toda a humanidade», escreveu ele em 1985, quando tinha oitenta e um anos, «nem é dever do governo dos Estados Unidos assegurar a concretização desse futuro.»<sup>7</sup>

Para cúmulo da ironia, o país de que se sentia mais próximo era a Rússia. «A Rússia correu-me nas veias», refere ele nas *Memórias*. «Havia uma qualquer afinidade misteriosa que nem a mim próprio eu conseguia explicar.»<sup>8</sup> Kennan gostava de imaginar que vivera em São Petersburgo numa vida anterior.<sup>9</sup> Quando visitou a propriedade de Tolstoi, Iasnaia Poliana, sentiu-se «próximo de um mundo ao qual sempre [pensou] que poderia realmente pertencer, caso as circunstâncias assim o tivessem permitido.»<sup>10\*</sup>

---

\* «Tolstoi teria gostado dele», disse certa vez Isaiah Berlin acerca de Kennan. «E ele ter-se-ia divertido com Tolstoi.» (Gaddis, *George F. Kennan*, 562.)

Kennan não nutria simpatia ou grande interesse pelo marxismo, tal como não tinha muitas ilusões acerca de Estaline. Desprezava todo o aparelho soviético, em parte porque os seus lacaios o impediram de se relacionar com os cidadãos russos comuns quando trabalhou na embaixada americana em Moscovo. Ainda assim, pensava que, mesmo sob o comunismo, os russos conservavam uma resistência de carácter que começava a desaparecer no Ocidente. Quando imaginou o dia em que a Cortina de Ferro seria levantada, o dia que as suas próprias recomendações políticas pretendiam trazer, receou o que poderia acontecer aos russos mal fossem expostos ao «vento da abundância material» e ao «seu sopro debilitante e insidioso.»<sup>11</sup> Apesar de ter defendido a reunificação da Alemanha, não ficou muito satisfeito quando, em 1990, esta finalmente ocorreu. Segundo ele, tratou-se apenas do resultado da agitação de jovens da Alemanha Oriental motivados «pela esperança de obter melhores empregos, fazer mais dinheiro e mergulhar na vida regalada do Ocidente.» Kennan questionou-se sobre se não seria isso que os Estados Unidos tinham realmente ambicionado ao decidirem, mais de quarenta anos antes, travar uma guerra fria.<sup>12</sup>

2.

O pai de Kennan era um advogado fiscal de Mineápolis que tinha cinquenta anos quando, em 1904, o seu filho nasceu. A mãe morreu de peritonite devido a uma rutura do apêndice quando ele tinha dois meses de idade. (Há uma história sobre o médico se ter recusado a operá-la sem a permissão do marido, que estava fora numa viagem de pesca.)<sup>13</sup> Kennan frequentou a St. John's Military Academy, no Wisconsin, e depois a Universidade de Princeton, onde se viu no papel de intruso, um papel em parte imposto e em parte cultivado.

No ensino secundário, Kennan lera *Este Lado do Paraíso*, mas o reino dos betinhos era uma terra estranha. «A minha carreira universitária foi muito diferente da de Fitzgerald», referiu ele nas *Memórias*.<sup>14</sup> Nesta obra, também contou que foi deixado para trás



quando os colegas de turma partiram para ver o jogo contra Yale. Em desespero, decidi ir à boleia até New Haven, mas, como não tinha bilhete, não consegui entrar no estádio, tendo voltado para Princeton tão solitário como quando dali saíra.<sup>15</sup> No seu primeiro ano de universidade, contraiu escarlatina, que o retraindo socialmente e parece ter desencadeado uma maior suscetibilidade às doenças para o resto da vida.

Kennan não foi um aluno notável, mas era ambicioso. Começou a trabalhar nos Serviços Externos em 1926, um ano depois de ter concluído o curso em Princeton, com um cargo inicial em Hamburgo via Genebra. Passados dois anos, foi rápido a aproveitar uma oferta do Departamento de Estado que consistia no pagamento da formação de qualquer membro dos Serviços Externos que quisesse adquirir fluência em chinês, japonês, árabe ou russo. Em 1928, os Estados Unidos não reconheciam o governo da União Soviética e não havia relações diplomáticas entre os dois países. Mas havia americanos com negócios na União Soviética — Averell Harriman, por exemplo, detinha uma concessão de manganês no Cáucaso na década de 1920 — e Kennan percebeu que o congelamento não duraria para sempre. Além disso, sentiu o destino a funcionar, sob a forma de um primo distante, também chamado George Kennan, que escrevera um importante livro sobre a Sibéria e o sistema de exílio no regime dos czares.<sup>16</sup>

Foi no programa de formação linguística que Kennan descobriu a sua especial atração pela vida russa. Na verdade, fez parte do grupo restrito de apenas sete homens escolhidos para aprender russo durante os dez anos — entre 1926 e 1936 — em que o programa esteve em vigor. Os seus estudos foram supervisionados por Robert Kelley, o diretor da Divisão de Assuntos da Europa Oriental do Departamento de Estado. Kelley era uma figura formidável e a sua atitude em relação à União Soviética terá certamente influenciado a visão de muitos dos funcionários públicos que passaram pelo programa, incluindo Kennan e o homem, também ele especialista em questões soviéticas, que se viria a tornar o melhor amigo de Kennan nos Serviços Externos, Charles (Chip) Bohlen.

Após concluir os estudos universitários em Harvard, Kelley passou um ano a aprofundar o seu domínio da língua russa na École Nationale des Langues Orientales Vivantes, em Paris, regressando depois a Harvard para iniciar um doutoramento. Em 1922, começou a trabalhar no Departamento de Estado.<sup>17</sup> Kelley compreendia que o comunismo era um tema que suscitava paixões, sendo ele escrupuloso quanto à precisão e à objetividade que deviam orientar a divisão que geria. Os relatórios produzidos pelo seu gabinete eram conhecidos por exibirem um rigor académico.<sup>18</sup> Contudo, adotou uma visão legalista do comportamento soviético, considerando o governo um regime à margem da lei em cuja palavra não se podia confiar, um perigo para os seus vizinhos e um incumpridor quanto às suas dívidas. E adotou também uma linha dura quanto ao reconhecimento.<sup>19</sup> Mesmo em 1933, quando era evidente que Roosevelt, um homem com pouca paciência para o legalismo, pretendia enectar relações diplomáticas com Moscovo, Kelley, apesar de ser apenas um funcionário subalterno no Departamento de Estado, apresentou um testemunho combativo perante a Comissão de Relações Externas do Senado sobre a questão e compôs um vigoroso relatório de oposição que foi devidamente transmitido ao presidente.<sup>20</sup>

Em 1928, para começar a sua formação linguística, Kennan foi enviado para Taline, na Estónia, com o intuito de ser submetido a um teste preliminar no consulado (e «garantirem que conseguíamos lidar com o álcool local e com as raparigas locais», acrescentou ele mais tarde), e depois, brevemente, para Riga, na Letónia.<sup>21</sup> Como já era fluente em alemão, escolheu Berlim para estudar. (Cinco dos outros formandos foram para Paris; um foi para Praga.)<sup>22</sup> Em 1929, no seu primeiro ano na cidade, frequentou aulas de russo no Seminar für Orientalische Sprachen, uma escola fundada por Bismarck para formar diplomatas, e com tutores particulares. Também fez cursos sobre temáticas russas na Hochschule für Politik, uma academia privada criada para apoiar a democracia e a República de Weimar. Passou o seu segundo ano de estudante na Friedrich-Wilhelms-Universität (agora Humboldt-Universität zu Berlin, também

conhecida há muito como Universidade de Berlim).<sup>23</sup> E conheceu a norueguesa Annelise Sørensen, com quem casou.

Os tutores de Kennan em Berlim eram emigrantes russos. Liam clássicos da literatura russa juntos e ele tornou-se amigo de alguns deles.<sup>24</sup> Os seus estudos evitaram por completo o marxismo, o comunismo e a Revolução Russa, conforme estipulado por Kelley. Por coincidência, eram ministrados excelentes cursos sobre matérias como as finanças soviéticas e a estrutura política soviética na universidade e Kennan escreveu a Kelley para lhe perguntar se os devia fazer. Este último respondeu que não, pois queria que ele tivesse a mesma educação que um russo que frequentasse uma das universidades czaristas antes da Revolução teria tido.<sup>25</sup> «Foi uma orientação sábia, pela qual fiquei sempre grato», escreveu Kennan nas suas *Memórias*.<sup>26</sup> Naturalmente, tudo isto se traduziu na sua aculturação ao mundo anterior à Revolução Russa, que os bolcheviques tinham derrubado.

Ainda assim, as posições de Kennan sobre a União Soviética eram mais flexíveis do que as de Kelley.<sup>27</sup> Kennan não estava disposto a ser legalista na análise das relações internacionais e fazia pouco caso das pretensões ideológicas contidas nas declarações políticas soviéticas. Pensava que a subversão e a conversa sobre a revolução mundial eram aspetos que deviam ser levados a sério, mas não ficava alarmado com eles. Com Kelley, partilhava a convicção de que a liderança soviética era totalmente desleal, opondo-se à abertura de relações diplomáticas. «O sistema atual da Rússia soviética é invariavelmente oposto ao nosso sistema tradicional», escreveu a um amigo em 1931. E, nesse sentido, acrescentou que «não é possível a existência de um meio-termo ou compromisso entre os dois (...) que os dois sistemas não podem sequer existir juntos no mesmo mundo a não ser que um cordão económico seja estabelecido em redor de um deles e que, dentro de vinte ou trinta anos, ou a Rússia será capitalista ou nós seremos comunistas.»<sup>28</sup> Quando escreveu estas palavras, Kennan nunca tinha estado na União Soviética e apenas conhecera um punhado de representantes soviéticos.<sup>29</sup>

Contudo, como escreveu nas *Memórias*: «Nunca — nem então nem mais tarde — considere a União Soviética um aliado ou um parceiro adequado, efetivo ou potencial, para este país.»<sup>30</sup>

Após dois anos em Berlim, Kennan foi destacado para a legação americana em Riga, que era usada pelo Departamento de Estado como um posto de escuta para as informações secretas sobre a União Soviética.<sup>31</sup> Em 1933, Roosevelt abriu as relações diplomáticas e Kennan e Bohlen foram incumbidos de acompanhar o embaixador americano William Bullitt na mudança para Moscovo, onde Kennan ajudou a estabelecer a nova embaixada.<sup>32</sup>

Bullitt iniciou o seu mandato com entusiasmo, mas as interações regulares com o Kremlin rapidamente lhe geraram irritação face à experiência soviética. Em 1936, demitiu-se, sendo nomeado embaixador em França por Roosevelt.\* O sucessor de Bullitt, Joseph Davies, também começou com sentimentos amistosos e, apesar de ter assistido, com Kennan como seu tradutor, aos últimos julgamentos encenados de Moscovo — os julgamentos que, com as suas confissões forçadas, Estaline usou para exterminar os rivais entre os velhos bolcheviques —, decidiu não se deixar abalar.<sup>33</sup> Durante o mandato de Davies, porém, a Divisão de Assuntos da Europa Oriental foi encerrada e Kelley foi transferido para a embaixada americana em Ancara, onde permaneceu até ao final da guerra. Quanto a Kennan, foi enviado para Washington. Durante um ano, dedicou-se a preparar o novo grupo de trabalho sobre a Rússia no Departamento de Estado, sendo depois enviado para Praga.

Kennan chegou à cidade a 29 de setembro de 1938, o dia em que Neville Chamberlain, o primeiro-ministro britânico, anunciou o Acordo de Munique, cedendo a Hitler a parte da Checoslováquia a que os alemães chamavam «Região dos Sudetas». Kennan encontrava-se na Praça Venceslau quando o acordo foi anunciado.

---

\* Eram velhos amigos, embora se viessem a afastar mais tarde, quando Bullitt, na prática, recorreu à chantagem, com alegações de contornos homossexuais, para que um outro elemento próximo de Roosevelt, Sumner Welles, fosse despedido do Departamento de Estado. Welles foi de facto despedido, mas Roosevelt tratou de arruinar a carreira de Bullitt.

«Uma das minhas primeiras impressões da Praga pós-Munique», escreveu ele mais tarde, «foi portanto a visão de ruas cheias de pessoas num pranto aberto pela morte da independência de que o seu país desfrutara durante uns breves vinte anos.»<sup>34</sup> Seis meses depois, já o exército alemão ocupara o resto da Checoslováquia.

Quando a Alemanha invadiu a Polónia, em setembro de 1939, Kennan foi transferido para Berlim. Teve pouco contacto com as autoridades nazis e considerou a maioria dos berlinenses desligada das aventuras militares do país.<sup>35</sup> Em 11 de dezembro de 1941, quatro dias depois do ataque a Pearl Harbor, a Alemanha declarou guerra aos Estados Unidos e a legação americana foi levada de Berlim num comboio secreto até à cidade de Bad Nauheim, onde ficou detida, em regime de isolamento, sob a supervisão da Gestapo. Kennan era o responsável pelos cento e trinta americanos. E lembra-se com aversão da quarentena de Bad Nauheim. «Os detalhes desta provação dariam, por si só, para escrever um livro», observou ele nas *Memórias*.<sup>36</sup> Não se referia à Gestapo, mas antes aos americanos, cujo comportamento lhe pareceu o de crianças mimadas. Quando foram todos libertados, passados cinco meses e meio, Kennan escreveu um poema satírico sobre os seus colegas reclusos.

Em seguida, foi colocado em Lisboa, onde negociou com o presidente do Conselho de Ministros, António de Oliveira Salazar, a utilização de bases nos Açores pelas aeronaves dos Aliados. Em janeiro de 1944, com o fim da guerra à vista, Kennan serviu como conselheiro político do embaixador americano no Reino Unido, John G. Winant, nas reuniões da Comissão Consultiva Europeia em Londres, criada para discutir os problemas políticos da Europa do pós-guerra.<sup>37</sup> Bohlen, que estivera em Tóquio quando se dera o ataque a Pearl Harbor e ficara detido durante seis meses, viu Kennan a regressar a Washington depois das reuniões «chocado com o comportamento dos soldados americanos: a leitura de banda desenhada, a linguagem imprópria e a obsessão com o sexo, entre outros aspetos. Questionava-se sobre se os Estados Unidos seriam capazes de se tornar numa potência mundial.»<sup>38</sup>

De regresso a Washington, Kennan teve a sua primeira grande oportunidade. Foi algo completamente inesperado. Enquanto defensor da linha dura quanto às relações com os soviéticos e protegido de um Kelley posto na prateleira, tinha todas as razões para assumir que nunca voltaria a ver Moscovo no papel de diplomata. Mas Bohlen era agora diretor da Secção Soviética do Departamento de Estado e Roosevelt nomeara Harriman seu embaixador na União Soviética. Bohlen apresentou Kennan a Harriman, o qual lera os livros do George Kennan mais velho sobre o sistema prisional siberiano.<sup>39</sup> (Na verdade, este Kennan também escrevera uma biografia do pai de Harriman, E. H. Harriman, o executivo ferroviário que dirigira a Union Pacific.) Harriman ofereceu a Kennan o cargo de ministro-conselheiro — na prática, o lugar de segundo no comando. Kennan chegou a Moscovo no dia 1 de julho de 1944, mesmo a tempo de testemunhar um desfecho que ele antecipara há muito: a libertação da Europa de Leste pelo Exército Vermelho.

3.

Apesar de ter encomendado para si mesmo uma tradução especial do *Mein Kampf* e sublinhado as passagens em que Hitler apresentava as suas visões de expansão para território russo e a destruição do bolchevismo, Estaline parece ter sido apanhado de surpresa pela invasão alemã da União Soviética.<sup>40</sup> Esta começou no dia 22 de junho de 1941, vinte e dois meses depois de as duas nações terem assinado um pacto de não-agressão, dividindo a Polónia — o início da Segunda Guerra Mundial. Em meados de novembro, as tropas alemãs encontravam-se a cerca de sessenta quilómetros de Moscovo. Partes do governo soviético, incluindo o Ministério dos Negócios Estrangeiros, foram evacuadas para Kuibyshev, na margem oriental do Volga, quase mil quilómetros para Leste.<sup>41</sup>

Então, num erro estratégico, Hitler atrasou o seu avanço sobre Moscovo e o exército alemão foi apanhado num inverno russo para o qual não estava preparado. As temperaturas desceram para

os 18 graus negativos. À custa de mais de seiscentas mil vidas, os soviéticos foram capazes de deter o avanço alemão e salvar Moscovo.<sup>42</sup> Depois de uma extraordinária mobilização, que gerou, numa nação com 170 milhões de pessoas, uma força total de mais de 34 milhões, os soviéticos começaram a expulsar os alemães. A contraofensiva em Estalinegrado, no inverno de 1942-1943, e a derrota alemã na épica batalha de tanques em Kursk, no mês de julho de 1943, alteraram a tendência da guerra na Europa.<sup>43</sup> Os soviéticos fizeram os alemães recuar através da Rússia Ocidental, da Moldávia, da Ucrânia, da Bielorrússia e dos Estados do Báltico até às nações ocupadas pela Alemanha na Europa de Leste. Quando Kennan chegou a Moscovo, no verão de 1944, já o Exército Vermelho entrara na Polónia e estava a menos de duzentos quilómetros de Varsóvia.<sup>44</sup>

Kennan chegou de avião, via Estalinegrado. Os combates tinham ali durado duzentos dias e, a partir do ar, quase tudo, com a exceção do edifício do aeroporto, parecia ter sido destruído. Era possível ver lixeiras cheias de aviões e tanques abatidos.<sup>45</sup> Os danos da guerra entre a Alemanha e a União Soviética eram desconcertantes. As guerras de Hitler na Europa Ocidental representavam aventuras militares convencionais destinadas à capitulação, sempre rápida, do governo inimigo. A guerra a Leste era diferente. Hitler não queria vencer a União Soviética para proteger as suas conquistas na Europa Ocidental; pelo contrário, fizera essas conquistas precisamente para não ser desviado do principal objetivo da sua política externa: a limpeza étnica, a escravização dos eslavos e a criação do *Lebensraum* a Leste.<sup>46</sup>

A guerra na Rússia era portanto uma *Vernichtungskrieg* — uma guerra de exterminação — e, assim que os soviéticos perceberam o que os alemães estavam a fazer, foi desse modo que ambos os lados a travaram. Os prisioneiros foram deixados morrer à fome, abatidos ou enviados para campos de trabalho escravo. Quando os combates principais terminavam numa determinada região, as unidades políticas dos dois exércitos, o NKVD e o *Einsatzgruppen*, juntavam os líderes locais, que poderiam mais tarde formar movimentos de resistência, e executavam-nos ou mandavam-nos para os campos.

Os soviéticos mataram prisioneiros de guerra e deportaram «elementos antissoviéticos»; os alemães eliminaram comunidades judaicas inteiras e transportaram judeus capturados para os campos de morte na antiga Polónia.<sup>47</sup> Durante a retirada, ambos os exércitos levaram a cabo uma política de terra queimada. Aquilo que não podia ser expropriado era sabotado ou demolido. Só na URSS, mais de mil e setecentas cidades e vilas, setenta mil aldeias, trinta e duas mil instalações industriais e sessenta e cinco mil quilómetros de ferrovia foram destruídos. De acordo com as estimativas, o total das mortes soviéticas, tanto militares como civis, ultrapassou os vinte e seis milhões, 15 por cento da população.<sup>48</sup>

A derrota das *Wehrmacht* a Leste foi o acontecimento que possibilitou a libertação da Europa Ocidental. Roosevelt e Churchill compreenderam a lógica militar a partir do momento em que a União Soviética foi invadida e não hesitaram em se aliar a Estaline — um homem que, menos de dois anos antes, estabelecera um acordo com Hitler para dividir a Polónia. Roosevelt gostava de citar um provérbio dos Balcãs: «Em tempos de grande perigo, é-nos permitido caminhar com o diabo até atravessarmos a ponte.»<sup>49</sup> Ambas as nações começaram a fornecer aos soviéticos enormes quantidades de material, embora os Estados Unidos ainda não fossem um combatente.<sup>50</sup>

Desde o início do que Churchill designara de «Grande Aliança», a questão era qual seria o preço. A perspectiva de Estaline era simples. «Esta guerra não é como no passado, em que quem ocupava um território também impunha o seu próprio sistema social», explicou ele a um grupo de oficiais comunistas quando o Exército Vermelho se preparava para avançar sobre Berlim. «Todos impõem o seu próprio sistema até onde o seu exército conseguir alcançar. Não poderá ser de outra forma.»<sup>51</sup> Era exatamente assim que Kennan pensava que os soviéticos entendiam a questão e, por isso, via as intenções soviéticas na Europa de Leste como o sapo no jardim dos Aliados. Desde que os soviéticos precisassem dos americanos e dos britânicos para destruir o Terceiro Reich, Estaline agiria como um estadista. Mal a Alemanha fosse derrotada, o Kremlin voltaria à configuração



anterior à guerra e os Estados Unidos teriam pouca margem de manobra. No entanto, Kennan sentia que não era capaz de levar ninguém a reconhecer a presença do sapo.

Em 1939, ao dividirem a Polónia, os alemães e os soviéticos tinham adotado medidas para eliminar as ameaças nacionalistas, prendendo ou executando dezenas de milhares de polacos. Mas algumas centenas de milhares de pessoas, conseguindo evitar a captura, acabaram por formar o núcleo duro do *Armia Krajowa*, ou Exército Nacional — o segundo maior movimento de resistência na Europa, ficando apenas atrás dos Guerrilheiros Jugoslavos de Josip Broz Tito. O governo polaco no exílio, que coordenava as ações do *Armia Krajowa*, estava sediado em Londres. Portanto, ao fazer o seu exército cair sobre Varsóvia, Estaline sabia que a tarefa de eliminar elementos nacionalistas ainda não estava concluída. No dia 27 de julho, reconheceu a Comissão Polaca de Libertação Nacional, sediada em Chelm, perto de Lublin, como a verdadeira representante do povo polaco. Esta comissão não passava de um conjunto de figuras políticas dispostas a aceitar a autoridade soviética. Na prática, o reconhecimento dos polacos de Lublin foi um anúncio de que, depois da expulsão dos alemães, a União Soviética não pretendia aceitar as pretensões dos polacos em Londres.<sup>52</sup>

Na embaixada americana em Moscovo, durante uma conversa com um diplomata que sugerira que Estaline poderia estar disposto a ceder nesta matéria em nome das boas relações entre os Aliados, Kennan foi cáustico, registando mais tarde os seus comentários no seu diário: «Os russos têm há muito uma política coerente. Nós temos — e eles sabem-no — uma política variável que reflete apenas as impressões momentâneas da opinião pública nos Estados Unidos. Somos incapazes de conceber e executar uma política de longo prazo coerente. Com base nisso, os russos sabem que, se optarem simplesmente por esperar o tempo suficiente, poderão sempre encontrar, mais cedo ou mais tarde, uma situação em que consigam obter aquilo que pretendem de nós.» E acrescentou: «Para eles, como um russo recentemente me disse, nada é impossível.»<sup>53</sup>

Estaline não cedeu e o desfecho foi mais terrível do que até Kennan poderia ter imaginado. No dia 1 de agosto, com as tropas soviéticas nos arredores de Varsóvia, o *Armia Krajowa*, liderado pelo general Tadeusz Bór-Komorowski, iniciou uma revolta contra os alemães que ocupavam a cidade.\* Apanhados de surpresa, os alemães viram-se lançados numa batalha campal com os combatentes polacos, mas conseguiram, ao fim de uma semana, iniciar o contra-ataque. Hitler, que sobrevivera por pouco a uma tentativa de assassinio duas semanas antes, pôs Heinrich Himmler ao comando e a operação foi realizada pelas SS sob a liderança de Erich von dem Bach-Zelewski, um especialista na luta contra guerrilhas que supervisionara, para Himmler, o massacre de judeus na Bielorrússia. As SS massacraram as populações dos subúrbios com quem se cruzaram, incendiaram hospitais; mataram com granadas de gás os guerrilheiros que tentaram fugir pelo sistema de esgotos; atiraram cidadãos pelas janelas dos seus apartamentos, cobriram mulheres e homens feridos com gasolina e queimaram-nos até à morte.<sup>54</sup>

Desde os primeiros dias da insurreição, o governo polaco em Londres rogou aos soviéticos para que o Exército Vermelho, com unidades acampadas na margem Leste do rio Vístula, entrasse em Varsóvia. Mas os soviéticos nada fizeram. Os britânicos e os americanos pediram a Estaline que lançasse mantimentos de paraquedas para os combatentes. Este, porém, recusou o pedido. A sublevação, disse Estaline a Churchill, era um «uma jogada imprudente e temerosa.» Nesse sentido, o estado-maior soviético decidira que se devia «dissociar da aventura de Varsóvia», pois não podia «assumir responsabilidade, direta ou indireta, por ela.»<sup>55</sup>

Harriman reuniu-se então com Andrei Vyshinsky, um subordinado de Vyacheslav Molotov, o ministro dos Negócios Estrangeiros, que o informou de que a União Soviética não queria participar na revolta de Varsóvia e que o pedido americano de reabastecimento nas bases aéreas soviéticas depois do lançamento de mantimentos

---

\* Esta insurreição de 1944, por vezes designada «Revolta de Varsóvia», é distinta da «Revolta do Gueto de Varsóvia», que ocorreu em 1943.

para os insurgentes tinha sido negado. Harriman insistiu e acabou por ser recebido por Molotov, que lhe explicou, mais uma vez, que a União Soviética nada poderia fazer para salvar o Exército Nacional e os polacos em Londres da sua própria insensatez.<sup>56</sup> «Pela primeira vez desde a minha vinda para Moscovo, estou gravemente preocupado com a atitude do governo soviético na sua recusa em permitir que ajudemos os polacos de Varsóvia, bem como com a sua própria política de aparente inatividade», escreveu Harriman ao secretário de Estado, Cordell Hull.<sup>57</sup> Todavia, Roosevelt ficou irritado com a liderança polaca, que não transmitira previamente os seus planos aos Aliados e estava agora a provocar uma clivagem na Aliança, e recusou fazer um apelo pessoal a Estaline sobre a questão.<sup>58</sup>

No dia 13 de setembro, as aeronaves soviéticas começaram a lançar material sobre Varsóvia, embora os lançamentos fossem feitos sem paraquedas, danificando alguns dos mantimentos.<sup>59</sup> Os aviões americanos também receberam permissão para usar as bases aéreas soviéticas de modo a poderem fazer rondas de abastecimento sobre Varsóvia. Mas já era demasiado tarde. No dia 3 de outubro, Bór-Komorowski rendeu-se. Em sessenta e dois dias de combates, tinham morrido quinze mil guerrilheiros e cerca de duzentos mil civis polacos. O atraso do avanço soviético permitiu que Himmler enviasse quase todos os sessenta e sete mil judeus confinados no gueto de Łódź para Auschwitz, o campo de morte que ainda restava, onde a maioria foi morta.<sup>60</sup> Quando os combates terminaram, meio milhão de polacos de Varsóvia tinham sido enviados para campos de concentração. O resto fora deportado para desempenhar trabalhos forçados na Alemanha. Por ordem de Hitler, a cidade foi arrasada. Varsóvia possuía a maior concentração de judeus de qualquer cidade na Europa.<sup>61</sup> Quando o Exército Vermelho finalmente entrou na cidade, em janeiro de 1945, as ruas estavam repletas de cadáveres. Nem uma única pessoa, judia ou gentia, sobrevivera.<sup>62</sup>

A revolta de Varsóvia foi um erro de cálculo, mas, para que o plano tivesse resultado, teria de ter existido um excelente sentido de oportunidade. Os polacos necessitavam que os soviéticos

exercessem sobre as forças alemãs na cidade apenas a pressão suficiente para conseguirem desempenhar com sucesso o seu próprio trabalho, mas não a suficiente para o tornarem desnecessário. A sublevação pretendia preparar um confronto com Estaline em torno da futura liderança da Polónia. O Exército Nacional esperou poder apresentar a Estaline um facto consumado.<sup>63</sup> Neste contexto, a ordem dada por este último para que o exército se detivesse nas margens do Vístula e esperasse pelo desfecho da sublevação foi sobretudo uma decisão política.<sup>64</sup> E o líder soviético cronometrou cuidadosamente a ajuda que acabaria por conceder para garantir que esta seria ineficaz. Como Churchill referiu, os soviéticos «desejaram ver os polacos não comunistas completamente destruídos, mas também manter viva a ideia de que estavam a ir em seu auxílio.»<sup>65</sup>

Foi este o jogo em que Roosevelt não se deixou enredar. Mas Kennan acreditava que os Estados Unidos deviam ter forçado os soviéticos a mostrar as suas cartas. «Não estive pessoalmente presente nessa fatídica reunião com Estaline e Molotov», escreveu ele nas *Memórias* (na verdade, Estaline não se reuniu com Harriman para abordar esta questão), «mas lembro-me do semblante do embaixador e do general Deane [John R. Deane, chefe da missão militar] quando regressaram, a altas horas da noite, destroçados pela experiência. Não havia qualquer dúvida nas nossas mentes em relação às implicações da posição que os líderes soviéticos tinham adotado. Tratava-se de um desafio lançado, num espírito de regozijo malicioso, às potências ocidentais.»<sup>66</sup>

Durante o resto da sua vida, Kennan referiu a crise de Varsóvia como o momento em que os líderes soviéticos «deviam ter sido confrontados com a escolha entre mudarem de política por completo, concordando colaborar no estabelecimento de países verdadeiramente livres na Europa de Leste, e perderem o apoio e o patrocínio dos aliados ocidentais nas restantes fases do seu esforço de guerra.»<sup>67</sup> Kennan não julgava que intimar o Kremlin tivesse travado Estaline, pois parecia-lhe inevitável a criação de uma «esfera de influência» soviética, mas considerava que tal teria desfeito a impressão

de aquiescência americana aos propósitos soviéticos na Europa de Leste e possivelmente servido de obstáculo à expansão soviética noutras regiões.

O desastre de Varsóvia inspirou Kennan a elaborar o seu primeiro grande tratado sobre a natureza da sociedade e do poder soviéticos, um ensaio intitulado «Russia — Seven Years Later» (Rússia — Sete Anos Depois; sendo os sete anos referentes ao tempo entre as duas colocações de Kennan em Moscovo). Em setembro de 1944, entregou o ensaio a Harriman, que o levou com ele para Washington mais tarde nesse outono. Kennan nunca chegou a obter a opinião de Harriman sobre o texto, mas este último parece tê-lo lido e entregado uma cópia a Harry Hopkins, o homem mais próximo de Roosevelt.<sup>68</sup> Harriman terá percebido que Kennan tinha algo a dizer que o presidente precisava de ouvir, mas não queria ser ele próprio a transmiti-lo a Roosevelt. Dezassete meses depois, porém, Harriman deu a Kennan a sua grande oportunidade de falar diretamente com Washington.

4.

Apesar de a crise de Varsóvia ter abalado momentaneamente a sua confiança, Harriman pensava que podia falar de forma frontal com Estaline. Kennan era enfático na sua descrença face à diplomacia pessoal e julgava ilusória a ideia de que Estaline era uma pessoa com quem os Estados Unidos podiam obter acordos razoáveis. De certo modo, tais posturas diferentes geraram uma relação produtiva. Harriman deixava Kennan escrever os seus relatórios opinativos e por vezes não solicitados porque, caso estes não lhe agradassem, se limitava a ignorá-los. Também não se importava com o facto de as visões de Kennan divergirem da política oficial porque, de qualquer maneira, ele próprio negociava sem se basear estritamente na política, gostando de improvisar. Apesar da sua tendência brusca — era conhecido como Crocodilo: sonolento até ser provocado —, admirava Kennan e respeitava o seu intelecto.

«Nunca consegui trabalhar tão de perto com alguém como trabalhei com ele», disse Harriman muitos anos mais tarde.<sup>69</sup>

Kennan, por seu turno, não se limitava a desaprovar a diplomacia intuitiva ou o discurso político idealista: na verdade, abominava-os profundamente. As declarações sobre a autodeterminação de povos ou a cooperação económica internacional — o tipo de coisas que Roosevelt e Churchill anunciaram como objetivos de guerra dos Aliados na Carta do Atlântico — pareciam-lhe não só utópicas e impraticáveis como também perigosas restrições ao campo de ação de um governo. A questão polaca era disso um exemplo perfeito. Os Estados Unidos não queriam que uma decisão sobre que grupo de militantes deveria formar o governo de uma Polónia libertada prejudicasse o combate contra a Alemanha. O destino da Polónia não era algo que afetasse os interesses nacionais dos Estados Unidos. Na opinião de Kennan, era melhor serem francos sobre o assunto e pararem de fingir que os Estados Unidos estavam a lutar por uma Polónia democrática ou que Moscovo e Washington tinham os mesmos objetivos e valores. Não obstante, segundo ele, por razões políticas internas, o governo americano queria parecer virtuoso, pelo que continuava a dizer que o seu objetivo era a autodeterminação e a chamar camaradas e aliados aos soviéticos, mesmo quando esses aliados se preparavam para espezinhar a Carta do Atlântico.

Em janeiro de 1945, Kennan expôs tudo isto numa longa carta enviada a Bohlen. Os Estados Unidos, argumentou ele, deviam deixar a Europa de Leste nas mãos dos soviéticos, aceitar a divisão da Alemanha e desistir dos planos para as Nações Unidas, que ele considerava um caso clássico de esperanças vãs. Quando recebeu a carta, Bohlen estava ocupado na Conferência de Ialta, na qual os Aliados negociavam o futuro da Europa, e a sua resposta por escrito foi curta: «Uma política externa desse tipo não pode ser praticada numa democracia.»<sup>70</sup>

Um ano depois, no dia 9 de fevereiro de 1946, Estaline proferiu um discurso eleitoral, transmitido a partir do Teatro Bolshoi, em Moscovo. (Estaline «candidatava-se» a delegado do Soviete

Supremo, um órgão sem poder). Nele, o líder descreveu a Segunda Guerra Mundial como «o inevitável resultado do desenvolvimento das forças económicas e políticas mundiais com base no capitalismo monopolista.»<sup>71</sup> A declaração foi absolutamente doutrinária: um dos princípios básicos do marxismo-leninismo era a ideia de que os países capitalistas iriam estar sempre em guerra e afirmá-lo era invulgar apenas no contexto do breve período da aliança em tempo de guerra, a qual agora, para todos os efeitos, chegava ao fim. Kennan não achou que o discurso valesse mais do que um resumo no seu relatório periódico, descrevendo as observações de Estaline sobre as causas da Segunda Guerra Mundial como «uma clara interpretação marxista», embora «mais militantes e empoladas no tom» do que o habitual.<sup>72</sup>

Em Washington, porém, as palavras de Estaline foram lidas com inquietação. O secretário de Estado, James Byrnes, pediu à embaixada em Moscovo uma análise. Harriman chegara ao fim do seu mandato de embaixador e estava prestes a deixar Moscovo de vez, pelo que autorizou Kennan a responder como lhe parecesse melhor. Kennan aproveitou a oportunidade. «Tinham sido eles a pedir a verdade», referiu ele nas suas *Memórias*. «E agora, por Deus, iriam tê-la.»<sup>73</sup> O resultado foi o telegrama aparentemente mais longo na história do Departamento de Estado, cinco mil e quinhentas palavras em cinco partes numeradas. Não estranhamente, Kennan estava doente e de cama quando o ditou.

O Longo Telegrama foi composto por um Kennan sem restrições. Sim, disse ele, o capitalismo e o comunismo soviético eram sistemas incompatíveis; Washington não devia ter ficado surpreso ao ouvir Estaline a afirmá-lo. Mas o discurso de Estaline estava mais relacionado com a natureza da Rússia do que com a natureza do comunismo. A política externa russa sempre fora motivada pelo medo do mundo exterior, e o marxismo dera a este regime uma capa ideológica para as suas insegurança e paranoia. Aquilo que a humanidade estava a testemunhar era simplesmente «o progresso contínuo do ansioso nacionalismo russo, um movimento com vários

séculos no qual as concepções de ataque e defesa se [encontravam] inextricavelmente confundidas. Todavia, nas novas roupagens do marxismo internacional, com as suas promessas melífluas dirigidas a um mundo desesperado e virado do avesso pela guerra, [era] mais perigoso e insidioso do que nunca.»<sup>74</sup> Independentemente do que pudesse dizer, a União Soviética iria sempre procurar minar o Ocidente. Era essa a natureza russa.

Ainda assim, argumentou Kennan, a União Soviética encontrava-se fragilizada: sofrera danos catastróficos, estendera-se demasiado em termos territoriais e não queria uma guerra. Queria apenas tirar partido das oportunidades para aumentar o seu poder. A política dos Estados Unidos, portanto, deveria consistir numa vigilância que não permitisse o surgimento de tais oportunidades. «O poder soviético, ao contrário do da Alemanha hitleriana, não é esquemático nem de caráter aventureiro», explicou Kennan. «Não funciona de acordo com planos fixos. Não assume riscos desnecessários. É indiferente à lógica da razão e altamente sensível à lógica da força.»<sup>75</sup> Se os Estados Unidos mostrassem determinação sempre que Moscovo fizesse ruídos ameaçadores, se alargassem a ajuda às democracias europeias de modo a que estas soubessem quem eram os seus amigos e se, por outro lado, tratassem do seu próprio jardim, não havia razão para esperar a Terceira Guerra Mundial.

Byrnes ficou satisfeito com o telegrama de Kennan. Harriman, de regresso a Washington, considerou-o «um pouco de leitura lenta em algumas partes», mas mostrou-o a James Forrestal, o secretário da Marinha — e isso acabou por se revelar, para o melhor e para o pior, a chave da sorte de Kennan no pós-guerra.<sup>76</sup>

Forrestal (Princeton; Dillon, Read) era um empenhado anti-comunista.<sup>77</sup> Paul Nitze (Hotchkiss; Harvard; Dillon, Read), que Forrestal levava da Dillon, Read para o governo e era agora um funcionário de nível médio no Departamento de Estado, deslocara-se ao Pentágono com o intuito de lhe transmitir que o discurso de 9 de fevereiro de Estaline correspondia a uma «retardada declaração de guerra aos Estados Unidos.»<sup>78</sup> Mais tarde, Forrestal afirmou



que William O. Douglas, juiz associado do Supremo Tribunal, considerara o discurso «a Declaração da Terceira Guerra Mundial.»<sup>79</sup>

Na realidade, não havia nada no discurso de Estaline que sugerisse uma declaração de guerra. A sua previsão, inteiramente teórica, era a de uma guerra entre potências capitalistas que, segundo ele, representaria um perigo para a União Soviética. No entanto, Forrestal interpretou o telegrama de Kennan como uma confirmação da sua própria leitura das intenções soviéticas. Por isso, ordenou que mimeografassem o telegrama e o distribuíssem pelos membros do gabinete e pelos oficiais superiores do exército. Não se sabe se Truman o leu, mas o telegrama tomou a capital de assalto. Poucas semanas depois, Kennan foi chamado de novo a Washington e instalado, com a ajuda de Forrestal, na nova Escola Nacional de Guerra com o título de Vice-Comandante para os Negócios Estrangeiros.<sup>80</sup> O seu trabalho consistia em dar palestras sobre relações internacionais aos militares, aos membros do Departamento de Estado e aos funcionários dos Serviços Externos. O Departamento de Estado também o enviou numa digressão de apresentações para instruir o público sobre a verdadeira natureza da ameaça soviética. «Parece que me saiu a sorte grande enquanto “especialista russo”», escreveu Kennan a uma das suas irmãs, Jeanette. «Espantar-te-ias com o que parece estar a acontecer-me.»<sup>81</sup>

No início da sua presidência, também Truman pensara que poderia falar de forma frontal com Estaline, uma figura que lhe fazia lembrar Tom Pendergast, o patrão político de Kansas City que fora seu benfeitor no Missouri.<sup>82</sup> A teoria de Truman era igual à de Harriman: os tipos espertos mantêm a sua palavra. Mas a confiança do presidente não durou muito para além do final da guerra. A despeito dos acordos iniciais, a União Soviética foi lenta a retirar as suas tropas do norte do Irão; em janeiro de 1946, recusou-se a aderir aos recém-fundados Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional, estabelecidos na Conferência de Bretton Woods;<sup>83</sup> e, em fevereiro, o público americano ficou a par de uma enorme rede de espões no Canadá, que fora exposta no outono anterior por um desertor

chamado Igor Gouzenko.<sup>84</sup> Os espões tinham vindo a roubar segredos atômicos.

Numa reunião realizada no mesmo dia do seu discurso eleitoral, Estaline garantiu que os cientistas soviéticos conseguiriam em breve criar armas atômicas. (As observações foram divulgadas no *Pravda* e Kennan poderá tê-las tido em consideração quando escreveu o Longo Telegrama.)<sup>85</sup> A cortesia da Grande Aliança estava a desfazer-se, mas não havia consenso em Washington sobre como deveria ser desenvolvida uma política em relação à União Soviética. Neste contexto, o telegrama de Kennan pareceu ser um bom ponto de partida.

Forrestal era um típico anticomunista: acreditava que as ações de Estaline poderiam ser explicadas pela filosofia marxista e que o objetivo da política externa soviética consistia na revolução mundial. Por outras palavras, levava a ideologia a sério — precisamente a visão que Kennan se esforçara ao máximo para desmistificar. No entanto, ao ler o telegrama, Forrestal deverá ter sentido que encontrara finalmente alguém no Departamento de Estado disposto a assumir uma linha dura para com a União Soviética.

Em dezembro de 1945, Forrestal pediu a um dos seus consultores, um professor da Smith College chamado Edward Willett, que preparasse uma análise da teoria marxista. Willett nada sabia sobre o marxismo e o texto que redigiu, à terceira tentativa, «Materialismo Dialético e Objetivos Russos», não satisfez por inteiro Forrestal, tendo este pedido então a Kennan que reescrevesse o texto. Kennan não estava particularmente interessado no marxismo e não acreditava que o comportamento soviético tivesse qualquer ligação com o materialismo dialético. Todavia, em janeiro de 1947, entregou a Forrestal um ensaio de sua própria autoria intitulado «Contexto Psicológico da Política Externa Soviética».

«A pressão soviética contra as instituições livres do mundo ocidental», explicava Kennan, «é algo que poderá ser contido pela aplicação hábil e vigilante de uma força contrária numa série de pontos geográficos e políticos em constante mudança, correspondendo

às alterações e às manobras da política soviética, mas que não poderá ser eliminado através de estratégias de charme ou argumentativas.» Esta era a doutrina da contenção. Para Kennan, porém, a contenção não precisava de constituir um impasse, pois existia a forte possibilidade «de o poder soviético, tal como o mundo capitalista da sua conceção, trazer dentro de si as sementes da sua própria decadência e de a germinação destas sementes se encontrar já num estado avançado.»<sup>86</sup> Forrestal gostou do ensaio e enviou-o para o secretário de Estado, George Marshall. Quando o editor da *Foreign Affairs*, Hamilton Fish Armstrong, pediu a Kennan uma contribuição para a revista, este pediu-lhe permissão para publicar o seu texto. Como Kennan era funcionário do Departamento de Estado, ficou acordado que o mesmo seria publicado sob pseudónimo. Foi assim que surgiu o Artigo X, «As Fontes da Conduta Soviética».<sup>87</sup> Saiu no mês de julho, três meses depois de Truman ter proferido o seu discurso sobre os «modos de vida alternativos.»

No Artigo X, Kennan defendeu que o marxismo se apresentava aos soviéticos como uma «racionalização altamente conveniente para os seus próprios desejos instintivos», continuando a justificar medidas — a hostilidade para com o mundo exterior, por exemplo, e a conservação da ditadura — que estavam em linha com o comportamento do Estado russo no tempo dos czares.<sup>88</sup> Depois disso, o artigo era uma reafirmação do Longo Telegrama: salientava a fragilidade da União Soviética naquele momento, a probabilidade de um colapso interno e a improbabilidade de uma agressão militar contra o Ocidente.

A crença do marxismo-leninismo na inevitabilidade do socialismo mundial forneceu a Kennan a sua metáfora-chave. A União Soviética não tinha pressa em alcançar essa consumação, uma vez que, de acordo com a teoria, o trabalho estava a ser feito pela história. Os soviéticos só precisavam de continuar a exercer pressão, a agir como «uma corrente fluida que se move constantemente, onde quer que seja permitido, em direção a um determinado objetivo.» A política dos Estados Unidos, por conseguinte, deveria assentar

na «contenção duradoura, paciente, mas firme e vigilante, das tendências expansivas russas.»<sup>89</sup> A longo prazo, os soviéticos poderiam não espatifar o carro, mas iriam à falência com o pagamento das multas. O objetivo passava por manter o comunismo na sua caixa até que tal acontecesse. No fundo, resumia-se a isso a «contenção».

Quando o Artigo X apareceu, Kennan iniciara funções naquele que seria o seu cargo governamental mais influente. Marshall nomeara-o chefe da nova Equipa de Planeamento Político, criada num esforço para pensar com antecedência na área das relações internacionais — algo em que os Estados Unidos não tinham muita prática. Esta Equipa tornou-se a principal fonte de ideias políticas para Marshall e, desse modo, para o presidente. Kennan dominava as reuniões, redigia a maior parte dos documentos e trabalhava no gabinete ao lado do de Marshall. Durante dois anos, formulou o essencial da política externa americana.\*

A tiragem da revista *Foreign Affairs* situava-se abaixo dos vinte mil exemplares. Contudo, no dia 8 de julho, a *United Press* identificou Kennan como o autor do Artigo X e, treze dias depois, a *Newsweek*, uma revista vigorosamente anticomunista com uma tiragem de meio milhão de exemplares, centrou o seu texto principal em Kennan. O Artigo X, segundo a revista, iluminava «as razões subjacentes à Doutrina Truman» e a sua publicação representava o triunfo dos especialistas em questões soviéticas do Departamento de Estado que, tendo conseguido sobreviver à «política de apaziguamento e aos anos de guerra», haviam sido treinados na década de 1930 por Robert Kelley.<sup>90</sup> Os defensores da linha dura tinham vencido.

Em setembro, Kennan foi atacado no *New York Herald Tribune* pelo colunista político Walter Lippmann.\*\* Numa série de doze

\* O sucessor de Kennan foi Paul Nitze, uma figura central na elaboração, em 1950, do protocolo secreto conhecido como NSC-68, que preparou o terreno para a militarização da Guerra Fria.

\*\* Poderá ter existido neste ataque também algum ressentimento. Lippmann fora expulso das páginas da *Foreign Affairs* porque, em 1938, a mulher de Armstrong o deixara para ir viver com Lippmann.

colunas, Lippmann também identificou o artigo como base racional da Doutrina Truman, mas criticou Kennan por este não conseguir reconhecer os genuínos interesses de segurança nacional da União Soviética na Europa de Leste. A política de contenção, na perspectiva de Lippmann, exigia um impraticável destacamento de forças militares, cedia aos soviéticos a vantagem de escolher os locais de confronto e forçava os Estados Unidos a direcionar recursos para áreas de importância menor na periferia da União Soviética, em vez de o fazer para os seus aliados na Europa Ocidental. Por isso, apelidou a política de «monstruosidade estratégica.»<sup>91</sup>

Kennan ficou chocado. Segundo acreditava, propusera uma política de confronto seletivo em termos diplomáticos e económicos, uma resposta assimétrica às ações soviéticas, não um estado de prontidão militar de âmbito mundial.<sup>92</sup> Escreveu então uma carta a Lippmann para lhe explicar que fora mal interpretado, mas acabou por não a conseguir enviar.<sup>93</sup>

Além disso, não queria ser identificado com a Doutrina Truman. Fora-lhe mostrado um esboço do discurso de Truman, escrito por Dean Acheson, e ele opusera-se à conversão de uma recomendação política de ajuda à Grécia e à Turquia (o pretense objetivo do discurso) numa cruzada anticomunista.<sup>94</sup> O primeiro relatório que Kennan escreveu para a Equipa de Planeamento Político, dois meses depois, incluía um pedido para que fossem tomadas medidas no sentido de esclarecer que a Doutrina Truman não era um «cheque em branco».<sup>95</sup> Tais medidas não foram tomadas. E Kennan viu-se subitamente no outro lado da questão anticomunista, passando de demasiado duro a demasiado brando.

O Longo Telegrama e «As Fontes da Conduta Soviética» possuíam conteúdos idênticos, mas contextos diferentes. O Longo Telegrama não poderia ter sido lido como um cabide intelectual para pendurar o chapéu das políticas da Administração Truman porque, quando Kennan o escreveu, a Casa Branca ainda não tinha realmente uma política em relação à União Soviética e à Europa de Leste. Havia defensores da linha dura na Administração, como Forrestal,

mas também «acomodacionistas», como Henry Wallace, o secretário do Comércio. O telegrama de Kennan fornecera a Washington uma via intermédia, uma forma de ser anticomunista sem entrar em guerra. Kennan não afirmara que os soviéticos eram minimamente razoáveis, democráticos ou decentes, mas defendera que os Estados Unidos não precisavam de lançar a bomba atômica sobre eles.<sup>96</sup> Quando o Artigo X apareceu, quase um ano e meio depois, os Estados Unidos tinham já uma política nesta área, encaminhando-se ela para a via da não acomodação. Em 21 de março de 1947, nove dias depois do seu discurso, Truman assinou uma ordem executiva que criava o Programa de Lealdade dos Funcionários Federais, incumbindo o FBI e outras agências de desenvolverem investigações a trabalhadores do governo suspeitos de deslealdade.<sup>97</sup> Entre 1947 e 1953, 4 765 705 funcionários federais preencheram formulários iniciadores de investigações de lealdade; 26 236 foram referenciados para escrutínio adicional e 560 (um conjunto proporcionalmente pequeno) foram despedidos ou não contratados. Cerca de 1700 casos ficaram pendentes quanto o programa expirou. O programa de lealdade produziu um efeito inibidor nos funcionários federais que permaneceram no governo e que se identificavam com a tradição progressista do *New Deal*. O programa não descobriu qualquer tipo de espionagem.<sup>98\*</sup>

No dia 5 de junho, num discurso de formatura em Harvard, Marshall anunciou o Programa de Recuperação da Europa — o Plano Marshall, para cuja conceção Kennan fora fundamental.<sup>99</sup> O discurso de Marshall, esboçado por Bohlen, foi curto, não passando dos onze minutos, e foi interrompido duas vezes por aplausos em reação a afirmações que criticavam implicitamente a União Soviética.<sup>100</sup> Por sugestão de Kennan, o plano de auxílio de Marshall estava aberto a todos os países, incluindo os da Europa de Leste e a União Soviética. Kennan sabia que Estaline recusaria a ajuda e levaria os

---

\* A primeira utilização eficaz de uma bomba atômica por parte da União Soviética, em 29 de Agosto de 1949, é provavelmente uma razão para a persistência destes testes de lealdade.

seus Estados satélites a recusá-la também — o que ele acabaria de facto por fazer, assumindo assim algumas das culpas pela divisão europeia da Guerra Fria.<sup>101</sup>

Em 26 de julho, Truman assinou a Lei de Segurança Nacional, criando a CIA, o Conselho de Segurança Nacional e o Estado-Maior Conjunto. A 17 de setembro, Forrestal tornou-se secretário da Defesa. E, no dia 20 de outubro de 1947, a Comissão de Atividades Antiamericanas da Câmara dos Representantes iniciou a sua investigação a comunistas em Hollywood. No contexto destes acontecimentos, o Artigo X foi lido não só como um alerta, mas também como uma explicação da política existente.

Fiéis à coreografia da geopolítica da Guerra Fria, os passos de Moscovo foram praticamente síncronos. No dia 28 de março de 1947, sete dias depois de Truman ter imposto o programa de lealdade aos funcionários federais, o Comité Central do Partido Comunista criou um Tribunal de Honra incumbido de investigar as influências ocidentais na arte e na ciência soviéticas. Tratou-se da institucionalização da *Zhdanovshchina*, a Doutrina de Zhdanov, uma campanha contra o formalismo artístico e outras evidências de crescente ocidentalização, que fora implementada em 1946 pelo ideólogo-chefe do Kremlin, Andrei Zhdanov.

No dia 22 de setembro de 1947, a primeira reunião do Gabinete de Informação Comunista — Cominform — foi realizada na cidade turística de Skłarska Poręba, na Silésia polaca, uma região de onde centenas de milhares de alemães étnicos tinham sido expulsos pouco tempo antes. O Cominform foi a resposta de Estaline ao Plano Marshall. Aos delegados foi transmitido que o objetivo da reunião consistia em organizar a resistência às «tentativas de subjugação económica dos países da Europa por parte do imperialismo americano».<sup>102</sup> «Surgiu um novo alinhamento de forças», disse Zhdanov aos representantes dos partidos comunistas de França, Itália, União Soviética e de seis nações da Europa de Leste. «Quanto mais a guerra fica para trás, mais distintas se tornam as duas maiores tendências na política internacional do pós-guerra, correspondendo

à divisão das forças políticas que atuam na arena internacional em dois campos principais: por um lado, o campo imperialista e anti-democrático» — liderado pelos Estados Unidos — «e, por outro, o campo anti-imperialista e democrático.»<sup>103</sup>

Era a Doutrina Truman refletida num espelho. Os comunistas europeus interpretaram o discurso de Zhdanov como uma ordem para substituírem a política de unidade nacional por uma de confronto e subversão.<sup>104</sup> Por sua vez, os Estados Unidos responderam com a elaboração do seu próprio programa de guerra psicológica secreta gerido pela CIA — uma bomba-relógio que explodiria vinte anos mais tarde.<sup>105</sup> Em novembro de 1947, Lippmann reuniu as colunas que escrevera sobre Kennan e a lógica de contenção e publicou-as em livro, com o título *A Guerra Fria*. Lippmann estava certo: esta tinha começado.

5.

Kennan não tinha o hábito de citar os seus contemporâneos nos textos que escrevia.<sup>106</sup> A impressão que transmitia — a de que se limitava a descrever as coisas tal como elas surgiam a um observador inteligente, mas não sentimental — foi uma das razões para a sua eficácia enquanto escritor. Mas Kennan não desenvolveu as suas ideias num vazio intelectual. Na verdade, foi um representante, eloquente e excepcionalmente bem colocado, da teoria das relações internacionais conhecida como «realismo».

Um realista, neste contexto, é alguém que pensa que a política externa de uma nação deve ser guiada por uma fria consideração dos seus próprios interesses, não por um qualquer conjunto de princípios legais ou morais. E pensa assim porque, embora na política interna os conflitos possam ser resolvidos por uma lei suprema do país, tal lei não existe na política internacional. Quando a Alemanha invadiu a Polónia, esta última não pôde levar a primeira a tribunal. A condição essencial da política internacional é a anarquia. Existem simplesmente muitas nações, cada uma tentando assegurar e,



se possível, alargar o seu próprio poder. É isso que as nações fazem. Está-lhes na natureza. Criar tribunais de justiça internacional, declarar ilegais as guerras de agressão ou estabelecer pactos de segurança coletiva são apenas tentativas, revestidas pela linguagem dos direitos humanos e da autodeterminação, levadas a cabo pelas potências mais fortes no sentido de reforçarem o estado das coisas. Em bom rigor, consubstanciam a normatividade do vencedor.

O que torna este cenário complicado e, para um «não realista», confuso é o facto de as nações terem por hábito justificar as suas ações, e criticar as de outras, segundo termos legais e morais. Até certo ponto, fazem-no para obter apoio popular interno e respeito aos olhos do mundo. Mas não é só por isso, uma vez que as nações tendem a acreditar nas suas próprias narrativas. Hitler acreditava que o caráter punitivo do Tratado de Versalhes dera à Alemanha o direito de violar os acordos sobre o rearmamento e a expansão territorial. Estaline acreditava que a União Soviética possuía precedentes históricos e razões de segurança nacional para instalar governos fantoches na Europa de Leste.

Por outras palavras, na esfera internacional, a moralidade e a legalidade são relativas. Muitos americanos (já para não falar de muitos europeus de Leste) consideraram as justificações soviéticas para a interferência nos assuntos dos países com os quais a União Soviética fazia fronteira uma pura ficção, mas os soviéticos sentiam o mesmo em relação, por exemplo, ao Plano Marshall. Na perspetiva americana, o plano era a ação humanitária de um país generoso que queria o melhor para os seus beneficiários, ao passo que, na perspetiva soviética, não passava de uma maneira de comprar lealdade, abrir mercados às empresas americanas e suprimir um sistema económico rival – o socialismo. Na perspetiva realista, ambas as nações, os Estados Unidos ao oferecerem a ajuda e a União Soviética ao recusá-la, faziam apenas o que julgavam ser melhor para os seus próprios interesses nacionais.

Para que as pessoas desenvolvessem esta visão do mundo, houve o contributo de dois livros, tendo ambos beneficiado de um

bom sentido de oportunidade. O primeiro foi *The Twenty Years' Crisis* [A crise de vinte anos], escrito pelo historiador britânico E. H. Carr e publicado em setembro de 1939, no momento em que o Reino Unido e a França declaravam guerra à Alemanha. O segundo foi *Politics Among Nations* [A política entre as nações], de autoria do acadêmico emigrado Hans Morgenthau e publicado nove anos mais tarde, depois de a Guerra Fria ter começado. Ambos eram teorias do realismo e ambos tiveram uma enorme influência na compreensão das relações internacionais entre os acadêmicos e os intelectuais americanos.

Tecnicamente, Morgenthau não era um refugiado, pois vivera fora da Alemanha – em Genebra, Madrid e Paris – antes de ter imigrado para os Estados Unidos em 1937. No entanto, sendo a sua área a do direito internacional, a razão por que ensinara e escrevera no estrangeiro prendera-se com o facto de, por ser judeu, não ter futuro na academia alemã. Os Estados Unidos foram quase a sua última escolha. (Em todo o caso, recusou uma oferta de trabalho na Venezuela.) Dominava mal o inglês e, quando desembarcou, não tinha qualquer perspectiva de trabalho. Após cinco meses, durante os quais lhe foi transmitido por uma agência para académicos emigrados que talvez tivesse sorte se procurasse emprego como operador de elevadores, conseguiu uma vaga temporária a lecionar na Brooklyn College.<sup>107</sup>

Em 1939, mudou-se para a Universidade de Kansas City e, em 1943, aceitou um lugar de professor substituto com a duração de seis meses na Universidade de Chicago. Como o professor ausente, Quincy Wright, que fora trabalhar como consultor no Departamento de Estado, permaneceu em Washington mais do que o esperado, Morgenthau acabou por obter um vínculo regular.<sup>108</sup> E aproveitou ao máximo a oportunidade. Entre 1946 e 1951, lançou três livros de referência, incluindo *Politics Among Nations*; editou ou coeditou três outros livros, entre os quais uma importante obra didática, *Principles and Problems of International Politics* [Princípios e problemas de política internacional]; e publicou trinta e quatro artigos. Um ano

depois da sua publicação, já *Politics Among Nations* tinha sido adotado como texto introdutório em Harvard, Columbia, Yale, Princeton e noventa e oito outras universidades. Passados quatro anos, era usado por mais professores nas universidades da América do Norte do que todos os outros manuais de relações internacionais juntos.<sup>109</sup> Em 1954, o ano da segunda edição, Morgenthau era a figura mais proeminente desta área.

O termo-chave na teoria de Morgenthau era «poder». «A aspiração de poder do homem não é um acaso da história», escreveu ele num ensaio um ano antes de o grande livro ter aparecido; «não é um desvio temporário face a um estado normal de liberdade; é um facto que tudo abrange e está na própria essência da existência humana.»<sup>110</sup> Os internacionalistas liberais, como Woodrow Wilson, pensam que a guerra e o conflito são aberrações, consequências da má governação, e que a natureza humana pode melhorar ou ser superada através da democracia, de políticas racionais e da boa vontade. Também pensam que as nações partilham uma «harmonia de interesses», percebendo que aquilo que é mau para uma nação é mau para todas elas. A título de exemplo, a principal obra de Quincy Wright, o colega de Chicago de Morgenthau, chamava-se *A Study of War* [Um estudo da guerra], 1942, sendo composta por dois enormes volumes que terminavam com um capítulo intitulado «Rumo a Um Mundo sem Guerra.» Morgenthau considerava que tal não passava de uma fantasia. «A luta pelo poder é universal no tempo e no espaço e é um facto inegável da experiência», escreveu ele em *Politics Among Nations*. «O desejo de dominar, em particular, é um elemento constitutivo de todas as associações humanas.»<sup>111</sup>

O termo «realismo» não apareceu na primeira edição de *Politics Among Nations*. Foi com a segunda edição, seis anos depois, que Morgenthau posicionou o seu livro como base de uma área académica e, ao mesmo tempo, cartilha para decisores políticos — uma dupla identidade que sempre caracterizou a área das relações internacionais. A nova edição abria com uma secção intitulada «Seis Princípios de Realismo Político», juntamente com um mapa de recursos

# LOUIS MENAND

«Um livro épico.»

**THE NEW YORK TIMES**

*«Em 1945, havia um ceticismo generalizado, mesmo entre os americanos, sobre o valor e a sofisticação das artes e das ideias americanas, a par de um respeito generalizado pelas motivações e pelas intenções do governo dos Estados Unidos. A partir de 1965, tais visões sofreram uma inversão. O país perdeu credibilidade política, mas movera-se da periferia para o centro de uma vida artística e intelectual cada vez mais internacional.»*

Escrito como um romance com centenas de personagens, *O Mundo Livre* descreve e analisa as causas da afirmação dos Estados Unidos no panorama cultural do Ocidente, do final da Segunda Grande Guerra até ao desfecho da Guerra do Vietname, período que ficou conhecido como Guerra Fria.

Da literatura, da música, das artes plásticas e performativas, das ciências ao cinema, de James Baldwin, John Cage, Andy Warhol, Elvis Presley, Susan Sontag e Hannah Arendt a Hollywood, nenhuma personagem ou tema, facto ou curiosidade escapam à narrativa lúcida e envolvente de Menand, neste livro saudado pela crítica internacional como «uma lufada de ar fresco» e uma obra «brilhante, absolutamente original e bem escrita» que oferece ao leitor o mosaico completo do pensamento e da arte do Ocidente no século XX.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

f [elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)  
t [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789897870248



9 789897 870248 >

ELSINORE